Socorro à Espanha é provável, mostra pesquisa

Andy Bruce
Reuters, de Londres

O governo espanhol em breve imitará Portugal, Irlanda e Grécia na busca de socorro internacional, é o que diz a maioria dos economistas consultados pela "Reuters" poucos dias depois de Madri ter recorrido a até € 100 bilhões para socorrer seus bancos. Trinta e cinco de 59 analistas em toda a Europa e EUA disseram ser "provável" ou "muito provável" que a Espanha necessitará ajuda internacional para financiar o Estado nos próximos 12 meses, e os outros 24 julgaram a possibilidade como apenas "improvável". Essas opiniões contrastam flagrantemente com uma pesquisa feita em abril envolvendo economistas e estrategistas nos mercados de títulos, quando sugeriam apenas uma chance em quatro de que a Espanha necessitaria ser socorrida.

Os custos de empréstimos ao Estado espanhol atingiram uma alta recorde na era do euro ontem, aproximando-se perigosamente da marca de 7% para títulos de 10 anos — uma taxa que segundo alguns analistas não pode ser sustentada por muito tempo sem sucumbir a ajuda externa. Os custos aumentaram apesar do acordo, acertado no fim de semana, de socorro a bancos espanhóis em dificuldades, de até € 100 bilhões, num reflexo também de enormes incertezas envolvendo as eleições deste fim de semana na Grécia, que poderá decidir se o país tem um futuro na zona do euro.

Apesar disso, 37 dos 59 entrevistados acreditam que a união monetária sobreviverá em sua forma atual por mais um ano — embora com uma economia muito fraca, devido aos enormes obstáculos com que se defrontam os líderes europeus na tentativa de resolver a crise da dívida soberana que já dura dois anos. "Não se trata de saber se a crise vai piorar antes de melhorar, mas se precisa piorar antes de melhorar", disse Richard McGuire, estrategista sênior de renda fixa do Rabobank International, em Londres.

"É somente quando há riscos sistêmicos que os políticos sentem-se suficientemente animados a defender unidade fiscal, a solução para a crise, do nosso ponto de vista." Ele destacou dois desdobramentos que forçariam os líderes das maiores economias da zona do euro a partir decisivamente para esse fim de jogo: a saída dos gregos da zona do euro, que não é seu cenário base, ou um socorro mais abrangente à Espanha.

Mas a pesquisa revelou uma clara cisão entre os economistas que trabalham em bancos e em firmas de análise de mercados com sede na zona euro e os que estão fora dela. Apenas cinco de 24 economistas de organizações com base na área do euro acreditam que a zona do euro não sobreviverá em sua forma atual, em comparação com quase metade (17 em 35) entre profissionais em instituições com sede principalmente no Reino Unido, América do Norte, Escandinávia e Suíça.

Os mercados financeiros reagiram inicialmente com euforia ao pacote de socorro aos bancos espanhóis em dificuldades, que segundo o Banco Central Europeu (BCE) ajudará a estabilizar a economia espanhola, a quarta maior na união monetária. Mas esse otimismo azedou rapidamente, após surgirem preocupações com que a solução elevará a dívida pública da Espanha.

Quase três quartos dos analistas pesquisados concordaram que o socorro aos bancos não aliviará o sistema financeiro da zona euro como um todo, nem o protegerá contra novas perturbações emanadas de Atenas. "O risco de contágio não depende apenas da Grécia", disse Juergen Pfister, economista-chefe do BayernLB, em Munique. "O crescimento nos países sob estresse, o progresso da consolidação fiscal e de reformas estruturais e, por último, porém não menos importante, o resultado da cúpula da UE no fim de junho desempenhará um papel importante."

A Itália, terceira maior economia na zona do euro — e amplamente considerada grande demais para poder ser socorrida —, também vem sendo o centro das atenções nos últimos dias. O ministro das Finanças da Áustria disse que a Itália poderá necessitar de socorro financeiro devido a seus elevados custos de captação, o que provocou uma vigorosa negação do primeiro-ministro italiano na terça-feira.

Uma pesquisa mensal em separado mostrou que os economistas têm opiniões conflitantes sobre o crescimento econômico e as taxas de juro na zona euro. Embora a maioria acredite que o Banco Central Europeu provavelmente manterá as taxas inalteradas pelo menos até o fim do próximo ano, mesmo apesar de uma provável contração de 0,4% da economia neste ano, uma minoria crescente diz que o próximo passo do BCE será baixar os juros. Eles também apontaram uma probabilidade de 40% de que o BCE vá injetar no sistema bancário enormes quantidades de empréstimos baratos de prazos bastante alongados, após ter injetado cerca de € 1 trilhão em empréstimos por três anos desde dezembro.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 14 jun. 2012, Finanças, p. C9.